



Construindo Narrativas com o Rolê Sociológico

DUARTE, Aline Cristina Damasceno ¹
CRUZ, Jonas Santos ²

RESUMO: Considerando uma educação contracolonial como principal ferramenta de identidade e autonomia estudantil, o presente trabalho discorre sobre uma metodologia educacional aplicada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), na eletiva Rolê Sociológico, na Escola de Ensino Médio Santo Amaro localizada na periferia de Fortaleza, no bairro Bom Jardim. O método adotado destaca práticas pedagógicas voltadas para o conhecimento integral da região em que a escola e os estudantes se localizam, focalizando na aprendizagem ativa. O referencial teórico fundamenta-se nas ideias de Bárbara Carine (2023), Nego Bispo (2023), Bourdieu (2002) e Sérgio Vaz (2008). O presente relato ressalta a importância de práticas educativas em que os estudantes participem ativamente da construção do conhecimento, e a necessidade em reduzir as desigualdades simbólicas.

PALAVRAS-CHAVE: contracolonial; bairro; desigualdades simbólicas

1 INTRODUÇÃO

Bárbara Carine (2023), aponta a importância de desconstruir discursos hegemônicos, que, por muitas vezes, silenciam populações negras e ou periféricas. Diante disso, considerando a necessidade de discussão e prática da educação decolonial à importância da não restrição da educação aos muros da universidade. O PIBID de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, edital 2024-2026, atua em três escolas da cidade de Fortaleza. O objetivo é aproximar o licenciando do cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, aproximar o estudante da universidade, promovendo a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas. Uma das escolas participantes é a EEM Santo Amaro.

A Escola de Ensino Médio Santo Amaro está situada na região periférica do bairro Bom Jardim, em Fortaleza. De acordo com Paiva (2007), esse território é historicamente reconhecido pelas instituições de segurança pública do Estado do

¹ Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais, Bolsista do Programa de Iniciação à Docência, Universidade Estadual do Ceará, Campus Itaperi, aline.duarte@aluno.uece.br.

² Professor de Sociologia da SEDUC - CE, Supervisor do Programa de Iniciação à Docência de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, jonas.cruz@prof.ce.gov.br.



Ceará como um dos mais violentos da capital, o que contribui para a construção de uma identidade social marcada por estigmas relacionados à violência e à pobreza. Tais representações sociais acabam por produzir violências simbólicas, que impactam diretamente a autoimagem dos estudantes, ao internalizar rótulos negativos associados ao seu local de origem. Apesar disso, o bairro apresenta importantes potencialidades, como a existência de um expressivo número de coletivos e organizações comunitárias que atuam no enfrentamento das diversas problemáticas sociais que afetam a região do Grande Bom Jardim.

Pensando em ações pedagógicas que possam colaborar com o aprendizado dos estudantes, aproximá-los da construção de saberes e desconstruir a perspectiva negativa dos estudantes em relação à região do Grande Bom Jardim, no qual são residentes, buscando reconstruir uma identidade no coletivo, o trabalho tem como proposta analisar uma experiência vivenciada pelas bolsistas do PIBID de Sociologia da UECE na Escola Santo Amaro, construindo um projeto de pesquisa sobre o bairro e buscando a compreensão dos estudantes sobre as possibilidades de trazer uma perspectiva diferente sobre seu território, através da eletiva de Ciências Humanas, intitulada “Rolê Sociológico”.

2 METODOLOGIA

A eletiva *Rolê Sociológico* foi realizada semanalmente às quartas-feiras, com a participação da turma do 2º ano D (turno da tarde) e sob a supervisão do professor coordenador Jonas Santos. Juntamente com as bolsistas do PIBID, o professor planejou e executou as metodologias adotadas ao longo das aulas. No primeiro encontro, o professor Jonas apresentou um vídeo do canal do YouTube “Estevam Pelo Mundo”, que mostrava uma narrativa turística sobre Fortaleza, destacando principalmente os pontos localizados na orla e nos bairros nobres da cidade. A partir disso, foi exibido um mapa de Fortaleza para que os estudantes localizassem tanto o percurso do vídeo quanto os bairros que compõem o Grande Bom Jardim. Essa atividade permitiu aos estudantes refletirem sobre a imagem restrita da cidade apresentada ao turista — limitada às praias — e compreenderem que Fortaleza é muito mais ampla e diversa. Como atividade final, os estudantes produziram cartazes com os lugares da cidade que mais conhecem e costumam visitar.

Os momentos posteriores foram seguidos com o convidado Rogério Araújo, atuante do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) há 30 anos,



levantou uma discussão sobre o território do Grande Bom Jardim (GBJ), questionando “O que existe no território do Grande Bom Jardim?” e “Como podemos conhecer uma cidade?”, exemplificando a partir de equipamentos como escolas, terminais e areninhas, disputas ambientais, por exemplo, relação cidade-capital-mercadoria, etc. Diante destas questões, apresentou e analisou os mapas das áreas verdes da cidade e abordou o contexto histórico da cidade, com foco no bairro. Entendemos o que aconteceu na região do Grande Bom Jardim em relação aos desmatamentos e poluição da área. Na sequência da discussão, Rogério apresentou alguns movimentos sociais situados na região do GBJ que apoiam a causa ambiental e saneamento básico para a população da região que ficam em locais mais marginalizados em decorrência da negligência governamental.

No decorrer das aulas, o professor apresentou vídeos que contam a história e aspectos do Grande Bom Jardim, como a comunidade e o projeto do Rio Maranguapinho, além disso foi realizada uma atividade na qual os alunos produziram um texto com o título “Minha história do Bom Jardim”, a partir de perguntas norteadoras sobre os significados do local em que os estudantes mora, que muitas vezes é carregado de estigmas.

Na sequência, contamos com a colaboração de Ingrid Rabelo, coordenadora do grupo Jovens Agentes da Paz (JAP) e do grupo Artes Insurgentes para um momento de diálogo de debates sobre periferia e juventude. Para Bárbara Carine (2023), para construir um ambiente em que o estudante se reconheça como sujeito ativo, é preciso abandonar a lógica colonialista. Nesse sentido, como uma das possibilidades, o educador precisa abandonar a lógica vertical e autoritária. E com essa perspectiva de horizontalidade, iniciamos com uma dinâmica, na qual cada um teria o momento de ter “o objeto de palavra” e o restante ouviria, e discutimos quais aspectos mais admiramos na região do Bom Jardim. Em seguida, com os grupos falando sobre direitos das juventudes e conquistas através da luta, os momentos aconteceram em formato de roda. Também foi proposta uma atividade em equipes, na qual, a partir de duas letras de música que foram “Súplica Cearense” de O Rappa e “Quilombo Favela Rua” do Mano Teko, improvisamos uma apresentação artística teatral sobre os significados dos temas das músicas, os próprios estudantes desenvolveram ideias a partir da análise das letras.



Em conjunto com o professor, propusemos aos estudantes a criação de um projeto de pesquisa sobre os mais diversos aspectos do bairro Bom Jardim. Após iniciarmos o momento levando um clipe da música “Guetos Urbanos” da banda cearense Selvagens à Procura de Lei, no qual se ambienta na comunidade do Titanzinho e mostra a realidade e cotidiano de boa parte das pessoas que moram na cidade de Fortaleza, juntos com os estudantes, refletir sobre a importância da representatividade de onde moramos, para além do que é mostrado pela mídia, e que isto seja feito por quem, de fato, está inserido nesta vivência. Com o objetivo de contra-narrativas e desconstrução dos estigmas, explicamos a estrutura de um trabalho científico e a cada aula explicamos e colocamos em prática cada tópico através de atividades propostas pelas bolsistas. A apresentação do projeto foi dividida em três momentos, conduzidos pelas bolsistas do PIBID: Introdução (Flávia e Aline), Metodologia (Thaynara, Rebecca e Girlene) e Resultados e Discussões (Ana Rute e Jacqueline). Na introdução, foi proposto um momento reflexivo sobre a importância da pesquisa como instrumento de compreensão da realidade, destacando como ela possibilita entender o porquê e o como dos fenômenos sociais. Na etapa metodológica, foram apresentados três métodos de investigação que os estudantes poderiam aplicar em seus próprios trabalhos: observador participante, diário de campo e entrevista. Para tornar esse momento mais dinâmico e prático, os estudantes realizaram entrevistas com as próprias bolsistas, a fim de exercitar as técnicas e compreender como aplicá-las em seus objetos de pesquisa. Por fim, a etapa de resultados e discussões teve um caráter mais teórico e técnico, voltado para a análise dos dados produzidos durante as pesquisas. O objetivo foi promover a leitura crítica dos resultados obtidos nas entrevistas e estimular o entendimento dos estudantes sobre as respostas de seus interlocutores, desenvolvendo assim habilidades de interpretação e argumentação.

Foi realizada, também, uma aula de campo para a Pinacoteca do Ceará como atividade relativa à eletiva Rolê Sociológico. O próprio equipamento forneceu transporte para buscar e deixar os estudantes na escola. Ao chegar no local, foram divididos em dois grupos e as mediadoras nos levaram para visitar as exposições, que foram elas: “Existências paralelas – acervo em (des)construção”, que retrata os modos de constituir um museu público a partir do conceito de vizinhança e contou com trabalhos de 63 artistas cearenses; “Amar se aprende amando”, uma



homenagem ao centenário de nascimento do artista Antônio Bandeira; Delírio Tropical. Logo após a visita às exposições, a Pinacoteca forneceu lanche e os estudantes também tiveram acesso à exposição sobre a Estação Ferroviária.

Finalizamos a eletiva com as apresentações dos trabalhos de pesquisa das equipes com os temas: Centro Cultural Bom Jardim, História do bairro Bom Jardim, Pracinha da Santa Cecília, Vila Olímpica, História da Escola Santo Amaro e Circo Escola e Casa AME.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados ao longo da eletiva *Rolê Sociológico* evidenciaram que, por meio das metodologias aplicadas nos momentos dentro e fora da sala de aula, foi possível aprofundar a compreensão sobre a vivência dos estudantes, suas diversas realidades e a forma como seu território é representado. As atividades revelaram que o bairro Bom Jardim possui uma riqueza social muitas vezes invisibilizada, com movimentos comunitários e coletivos que impulsionam transformações significativas, contrariando a imagem frequentemente negativa veiculada pela mídia ou pelo discurso oficial do Estado. Ao final da experiência, foi possível perceber uma mudança na percepção dos próprios estudantes em relação ao bairro: passaram a enxergá-lo com mais pertencimento, valorizando sua história, suas lutas e sua potência enquanto território de resistência e ação coletiva.

A partir das discussões com Rogério Araújo, os estudantes puderam compreender diversos aspectos do território em que vivem, especialmente no que diz respeito à relação desequilibrada entre os seres humanos e a natureza, e como essa relação afeta de forma mais intensa grupos sociais vulnerabilizados. Durante os encontros, foi possível refletir sobre a origem do bairro Bom Jardim e perceber como sua história está marcada por processos de exclusão, desinformação e negligência por parte do poder público. Os estudantes compreenderam que a condição de pobreza presente no bairro não é fruto de uma falha individual ou cultural de seus moradores, mas sim resultado direto do abandono histórico por parte do Estado, que sistematicamente nega investimentos em infraestrutura, educação, saúde e cultura, contribuindo para a perpetuação das desigualdades e do estigma territorial. Mesmo com essa defasagem, é possível observar as possibilidades que os próprios moradores como a Ingrid (Jovens Agentes da Paz) e



o Rogério (CDVHS) constroem em coletivo com a comunidade. Bárbara Carine (2023), aponta a importância de desconstruir discursos hegemônicos, que, por muitas vezes, silenciam populações negras e ou periféricas. Com a utilização das músicas e clipes como material pedagógico — como os que foram utilizados no decorrer da eletiva —, se torna ferramenta de práticas antirracistas, à medida que legitima saberes e epistemologias que normalmente são desconsiderados na escola.

Durante a visita à Pinacoteca do Ceará, os estudantes demonstraram entusiasmo com o espaço e com as obras expostas, mostrando-se engajados principalmente na exploração do ambiente e no registro fotográfico da experiência. No entanto, foi perceptível uma atenção reduzida às explicações oferecidas pela mediadora do local, o que pode ter dificultado a compreensão mais profunda das mensagens e contextos das exposições apresentadas. Observamos que, por se tratar de um ambiente novo e visualmente estimulante, muitos estudantes priorizaram a experiência sensorial e estética em detrimento do conteúdo informativo. Ainda assim, alguns demonstraram curiosidade em entender o significado das obras, o que revela um potencial educativo a ser mais explorado em futuras visitas, com estratégias que favoreçam a mediação cultural de forma mais acessível e interativa. Na obra “A terra dá, a terra quer” (2023), Nego Bispo reflete como o colonialismo não foi apenas uma conquista militar e territorial, mas também uma forma de controle cultural e intelectual. Diante disso, é notório que alguns espaços de cultura, conhecimento e arte, são mais destinados e representam mais a população branca, rica ou classe média. O fato de os estudantes da EEM Santo Amaro se fazerem presentes no espaço da Pinacoteca, se tornou um momento de desafiar as estruturas de poder e de resistência.

No decorrer da eletiva, apenas dois dos sete grupos apresentaram seus projetos de pesquisa, sendo um deles por meio de apresentação oral, com foco nas vivências e histórias familiares relacionadas ao bairro. Apesar das aulas ministradas pelas bolsistas do PIBID e pelo professor supervisor, que abordaram de forma estruturada as etapas de elaboração de um projeto de pesquisa — incluindo explicações teóricas e atividades práticas em sala —, a execução final das propostas ficou aquém do esperado. Essa baixa adesão pode estar relacionada a diferentes fatores, como a falta de estímulo, insegurança dos estudantes em relação



à própria capacidade de realização ou, ainda, desmotivação frente às práticas escolares. Observa-se que, ao serem mencionadas avaliações ou entregas de atividades, muitos estudantes demonstram desinteresse ou resistência, o que sugere uma relação fragilizada com a escola, marcada por uma percepção de distanciamento ou desvalorização da própria trajetória educacional. Esse cenário reforça a necessidade de refletir sobre estratégias pedagógicas mais engajadoras e sensíveis às realidades subjetivas dos estudantes, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Após as apresentações, o professor se reuniu com as bolsistas para avaliarmos os desempenhos das equipes que apresentaram e decidimos que os estudantes que não apresentaram iriam enviar apenas o slide com informações sobre a pesquisa até a próxima aula, porém ficariam com nota menos do que os que apresentaram. Sabe-se que os estudantes participantes das eletivas devem ser avaliados, e as notas obtidas são consideradas como a terceira nota na área de Ciências Humanas. No entanto, mesmo com esse requisito, muitos alunos demonstram desinteresse ou não se envolvem de forma efetiva na realização das atividades avaliativas. Essa postura pode estar relacionada à percepção de que, independentemente de seu desempenho escolar, serão aprovados ao final do ano letivo. Tal entendimento parece contribuir para o descompromisso com as tarefas propostas e para a fragilização do vínculo com o processo de aprendizagem.

Por fim, foi proposta pelo professor supervisor Jonas Santos uma atividade de avaliação do desempenho das bolsistas, realizada a partir da perspectiva dos próprios estudantes. Essa iniciativa teve como objetivo oferecer um tipo de *feedback* sobre como os alunos perceberam nossa participação e atuação ao longo da eletiva, considerando que ministramos e planejamos as aulas em conjunto com o professor. No entanto, os resultados obtidos foram diferentes do que esperávamos: a maioria dos estudantes demonstrou certo incômodo com nossa presença constante na escola, como se, de alguma forma, fôssemos intrusas em seu território. Essa percepção nos levou a refletir sobre as dinâmicas de pertencimento e resistência dentro do espaço escolar. Apesar disso, foi possível reconhecer que os estudantes compreenderam os conteúdos trabalhados, ainda que suas avaliações tenham sido fortemente influenciadas por aspectos subjetivos e emocionais, voltados mais às suas impressões pessoais do que ao conteúdo em si.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aprendizagem por meio da Eletiva “Rolê Sociológico” acendeu a importância de enaltecer, identificar e aproximar os estudantes dos espaços culturais que o bairro Bom Jardim oferece. Além disso, por meio desse trabalho foi possível desestigmatizar o grande bom jardim de pensamentos e rótulos negativos que geram ideias de que o território não seja composto por artefatos culturais. Para Vaz (2008) “A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”. O poeta defende a arte como um caminho de libertação, porém, quando ela é criada pelos que detêm o poder, não promove emancipação, mas sim exclusão, sendo assim, a arte precisa nascer da periferia, acontecer dentro dela e ser direcionada a ela. A elitização dos espaços culturais deixa de lado comunidades periféricas e as vidas que nelas residem.

Segundo Bourdieu (1989), existe um tipo de violência simbólica que não acontece pela força física, mas pelo poder do capital cultural, conhecimentos, hábitos, linguagens e valores que certos grupos acumulam e dominam. Dessa forma, observou-se que evidenciar a cultura periférica para esses estudantes leva a criação de uma identificação que segue uma lógica anticolonial, ou seja, contraponto ideias que seguem sendo impostas e fortalecidas, de maneira que contribuem para que as relações de dominações e os privilégios de grupos em detrimento de outros continuem existindo.

Em um trecho poético Vaz (2008) diz “mas o que eu quero falar mesmo é da poesia que se espalhou feito um vírus no cérebro dos homens e mulheres da periferia. Pois é, essa mesma poesia que há tempos era tratada como uma dama pelos intelectuais hoje vive se esfregando pelos cantos dos subúrbios à procura de novas emoções.” Fortalecer os espaços culturais nas periferias é promover o conhecimento cultural que antes era exclusivo para elites. Dessa forma, essa valorização permite que jovens e adultos tenham acesso a referências artísticas, históricas e sociais que ampliam seus horizontes, fortalecendo a identidade coletiva e o senso de pertencimento. Além disso, democratizar a cultura nas periferias contribui para romper com desigualdades simbólicas, oferecendo oportunidades de



expressão e criação de novas narrativas que partem das próprias vivências da comunidade, com isso, os espaços culturais se tornam também instrumentos de resistência e transformação social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. ***O poder simbólico***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. ***Razões práticas***. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

CARINE, Bárbara. ***Como ser um educador antirracista***. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. ***Contingências da violência em um território estigmatizado: uma análise das relações entre violência e território no bairro Bom Jardim - Fortaleza/CE***. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SANTOS, Antonio. ***A terra dá, a terra quer***. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

VAZ, Sérgio. ***Literatura, pão e poesia***. São Paulo: Global Editora, 2008.